

«Esta paisagem da imaginação indomada pode ser sobre a infância, mas Kind não é um espetáculo infantil. Quando sair do espetáculo vai querer tratar as crianças não apenas com cuidado, mas com cautela.»

**** (4 estrelas) The Guardian 23/01/2020

Kind

Peeping Tom

Coapresentação com o Centro Cultural Vila Flor

Conceito e direção **Gabriela Carrizo, Franck Chartier**

Criação e interpretação **Eurudike De Beul, Marie Gyselbrecht, Hun-Mok Jung, Brandon Lagaert, Yi-chun Liu, Maria Carolina Vieira**

**CCB . 2 e 3 fevereiro . quarta e quinta . 21h00 . Grande Auditório
5 fevereiro > Centro Cultural Vila Flor, Guimarães**



«A coreografia é inventiva e mistura diferentes universos, do futurista ao primitivo. [...] Todos os elementos proporcionam um momento único e surpreendente.»

Toute la Culture 02/03/2020

«[A companhia] Peeping Tom [...] surpreende-nos uma vez mais com as suas invenções. A não perder.» Théâtre du Blog 02/02/2020

Em Kind, entramos num universo distante e fora do comum, repleto de contos de fadas sombrios e de magia. Encontramo-nos numa floresta sombria ao pé de penhascos ameaçadores, um mundo que antecede o bem e o mal, no qual ainda não foram estabelecidos limites. Com tiques e gestos infantis, uma menina grande demais anda numa bicicleta pequena demais para si e leva-nos para o seu universo nas fronteiras esgarçadas do inconsciente. Um estado onde a terra fala, onde as crianças crescem das árvores e onde acontecimentos estranhos despertam a curiosidade em vez de alarmar as pessoas.

Depois de *Vader (Pai)* (2014) e *Moeder (Mãe)* (2016), *Kind (Filho/a)* é a terceira parte da trilogia familiar da consagrada companhia belga Peeping Tom. Nesta criação, Gabriela Carrizo e Franck Chartier exploram as diferentes fontes da psicose do ponto de vista da criança.

O espetáculo aborda temas como a violência, o paradoxo entre a realidade e a ficção, o outro, o trauma, tudo a partir da questão da identidade. Em grande medida, o meio ambiente em que crescemos pode determinar a pessoa em que nos tornamos. O mesmo vale para *Kind*. A criança reflete sobre o seu ambiente, mas também lhe resiste – justamente para poder afirmar a sua própria identidade. Nessa dualidade entre reflexo e resistência, *Kind* questiona os aspetos perversos da formação da identidade.

